

ALFABETIZAÇÃO EM INVESTIMENTOS DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO¹

Vinicius Marino Teixeira Mianutti²

Josilene da Silva Barbosa³

Odilon José de Oliveira Neto⁴

RESUMO: A presente pesquisa teve por objetivo investigar a atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização em investimentos dos estudantes do ensino médio. Para a coleta de dados, aplicou-se um questionário online a uma amostra probabilística de 94 estudantes do ensino médio em escolas públicas do Município de Ituiutaba - Minas Gerais. Os dados foram analisados a partir das estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão), testes de correlação, normalidade e comparação entre grupos. Os resultados mostraram índices medianos de alfabetização em investimentos com valores acima de 56,82% para metade dos estudantes. Esses achados podem ser relevantes para indicar às instituições de ensino a importância de incluir conteúdos econômico-financeiros voltados à formação dos estudantes, considerando que iniciativas com esse propósito podem trazer benefícios para a sociedade como um todo. Isso ocorre porque pessoas financeiramente mais educadas tendem a planejar e administrar seus recursos eficazmente.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização Financeira; Educação Financeira; Finanças Pessoais.

ABSTRACT: This study aimed to investigate the attitude, behavior, and knowledge of high school students regarding investments. To obtain the data, an online questionnaire was applied to a probabilistic sample of 94 high school students in public schools in the state of Minas Gerais. The data were analyzed using descriptive statistics, correlation tests, normality, and comparison between groups. The results showed investment literacy rates above 56.82% for half of the students. These findings may be relevant to indicate to educational institutions the importance of including content aimed at financial education and literacy of students, considering that initiatives with this purpose can bring benefits to society as a whole. This is because people with financial education tend to plan and manage their resources more efficiently.

KEY-WORDS: Financial Literacy; Investment Literacy; Financial Education.

¹ A pesquisa recebeu apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG (Processo: APQ-03241-22) e científico e tecnológico do NEPACC-UFU/FACES/PONTAL.

² Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. End: UFU - Rua 20, nº 1600, Bairro Tupã, Ituiutaba-MG, CEP: 38304-402. (34) 3271-5224. viniciusmianutti@gmail.com

³ Doutora em Ciências Contábeis pela UFU. Professora de Ciências Contábeis na UFU/FACES (Campus Pontal). End: UFU - Rua 20, nº 1600, Bairro Tupã, Ituiutaba-MG, (34) 3271-5224. josilene@ufu.br

⁴ Doutor em Administração de Empresas pela FGV/EAESP. Professor de Finanças na UFU/FACES (Campus Pontal). End: UFU - Rua 20, nº 1600, Bairro Tupã, Ituiutaba-MG, (34) 3271-5267. odilonoliveira@ufu.br

1 INTRODUÇÃO

As finanças pessoais abrangem a gestão das condições de financiamento para adquirir bens e serviços que atendam às necessidades individuais de segurança, saúde e bem estar, implicando na gestão eficaz do próprio dinheiro (Pires, 2007). De acordo com Jesus (2019, p. 79) “um planejamento financeiro bem elaborado é indispensável para a vida das pessoas, além de ser um fator que ajudará as mesmas a evitarem estresses constantes, que podem causar doenças físicas e psicológicas que reduzem sua qualidade de vida”.

Nesse sentido, espera-se que, ao ser financeiramente alfabetizado, o indivíduo possa melhorar sua qualidade de vida, assegurando seu bem estar social e ampliando suas perspectivas econômico-financeiras. Segundo Atkinson e Messy (2012, p. 14) a alfabetização financeira é “uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual.” Portanto, a alfabetização financeira é composta por três elementos principais: conhecimento (educação financeira), comportamento e atitude.

Holzmann e Miralles (2005) destacam que, em outros países, a implementação do processo de educação financeira parece estar mais avançada do que no Brasil. Exemplos incluem os Estados Unidos da América (EUA), Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, além de algumas nações da América Latina e Europa Central e Oriental, que realizaram reformulações em seus sistemas previdenciários. Nos EUA, observa-se uma significativa presença de sites e instituições dedicadas à educação financeira. Bernheim, Garrett e Maki (1997) destacam que, entre 1957 e 1985, mais da metade dos estados norte-americanos tornou obrigatório o ensino de educação financeira nas escolas secundárias (equivalentes ao ensino médio), com objetivo de preparar os jovens para a vida adulta. A inclusão da educação financeira no sistema de ensino dos EUA evidencia o engajamento tanto de instituições governamentais quanto de entidades financeiras e organizações do terceiro setor (Bernheim et al., 1997).

Segundo Savoia et al. (2007), a educação financeira é discutida mundialmente, em países como EUA e Reino Unido há um avanço maior nas discussões. Tais países realizaram reformas em seus sistemas previdenciários, criando programas para difundir informações

por meio de propagandas midiáticas além de treinamentos em sites, panfletos e brochuras. Para avaliar isso, o *Financial Education Project* foi criado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com o objetivo de avaliar a eficácia das iniciativas em diversos países, elaborar métodos que possibilitem a comparação dos programas e oferecer um conjunto de sugestões para a implementação das melhores práticas.

A compreensão sobre a importância da educação financeira torna-se fundamental para direcionar esforços e políticas voltadas para a promoção de uma educação financeira mais robusta, capaz de elevar o nível de conhecimento e habilidades financeiras dos cidadãos brasileiros, alinhando-se assim aos padrões observados em economias mais avançadas. Vale ressaltar ainda que isso fez com que as nações financeiramente mais educadas e mais avançadas diminuíssem a abrangência e os gastos de seus programas de seguridade social, reduzindo drasticamente a função paternalista que o Estado exerce no país (Savoia et al., 2007).

Nesse contexto, o Data Folha em dezembro de 2023, efetuou uma pesquisa em que entrevistou 2.004 pessoas de 135 municípios brasileiros. Os resultados da pesquisa demonstraram que 67% dos entrevistados não possuem uma reserva de emergência. Ou seja, caso surjam imprevistos como perda de emprego, doenças ou perda/prejuízo de bens importantes, essas pessoas não têm como cuidar desse problema imediatamente e acabam passando por dificuldades. Estes que não conseguem guardar nenhum dinheiro, destacam-se: em questão de gênero, as mulheres (73%); em idade, pessoas entre 45 e 59 anos (73%); em nível de instrução, os menos instruídos (79%); em renda, pessoas que recebem até dois salários mínimos (80%). Além desses, desempregados, donas de casa, moradores da região Nordeste e beneficiários do Bolsa Família estão dentro do grupo que não possui reserva de emergência (Instituto Data Folha, 2023).

Nessa mesma linha a B3 realizou uma pesquisa em 2023, abordando a temática de investimentos e identificou que o público jovem tem se interessado um pouco mais por investimentos no Brasil. No período de 2016 a 2021, a idade média recuou quase 11 anos, passando de 49,66 para 37,93 anos. Os dados mostram que, entre os 5 milhões de brasileiros que possuíam contas na B3 no ano de 2023, 62% tinham menos de 40 anos de idade. Esse rejuvenescimento supostamente foi, em grande parte, impulsionado pela entrada de jovens profissionais no mercado financeiro. Além disso, cerca de 600 mil brasileiros, com até 24 anos de idade, já investiam em ações nesse período, representando 12% do total de investidores (Agrela & Gonçalves, 2023).

Tendo em vista esses dados e toda a problemática envolvida com as finanças pessoais, entende-se que essa pesquisa é relevante, pois ao compreender os desafios e lacunas na alfabetização financeira, é possível contribuir para um fortalecimento econômico mais amplo, em que os estudos sobre finanças pessoais podem inclusive contribuir para o ensino sobre finanças, permitindo que diversas pessoas façam escolhas mais conscientes e inteligentes com o dinheiro. Essencialmente, propõe-se discutir a temática da alfabetização financeira, tendo como elemento econômico-financeiro central os “investimentos”, ou seja, referindo-se ao nível de alfabetização de um grupo de indivíduos no que tange ao entendimento e aplicação de conceitos especificamente relacionados a investimentos. Além disso, a alfabetização em investimentos envolve a capacidade de avaliar as necessidades financeiras individuais, definir metas de investimento, compreender os prazos e horizontes de investimento, e selecionar os produtos e instrumentos financeiros mais adequados para alcançar essas metas.

Em resumo, a alfabetização em investimentos é fundamental para tomar decisões informadas e eficazes no mercado financeiro, visando maximizar os retornos e minimizar os riscos, de acordo com as circunstâncias e objetivos financeiros pessoais. Contudo, destaca-se uma carência de pesquisa que foque essencialmente na alfabetização em investimentos. Recentemente, dois estudos foram realizados. O de Cardoso et al. (2024) e o de Silva et al. (2024). Ambos os trabalhos investigaram a alfabetização em investimentos, sendo que o primeiro focou em uma amostra de adultos e o segundo analisou os estudantes do ensino superior. Os resultados mostraram índices de alfabetização em investimentos medianos, indicando que a sociedade carece de conteúdos em finanças.

Destaca-se que o presunto estudo aborda a temática dos trabalhos de Cardoso et al. (2024) e Silva et al. (2024), sendo que o principal diferencial centra no campo de obtenção de dados e definição da amostra, pois, investiga alunos do ensino médio. Justifica-se o grupo investigado, tendo em vista que os jovens estudantes logo sairão do ensino médio e ingressarão no mercado de trabalho, tendo que lidar com decisões importantes relacionadas ao dinheiro.

Diante das discussões e fundamentações apresentadas, a presente pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: Quais os níveis de atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização em investimentos dos estudantes de ensino médio? Assim, a

pesquisa tem por objetivo investigar a atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização em investimentos dos estudantes do ensino médio.

Esta pesquisa é relevante e se justifica por vários aspectos, dentre os quais se destacam a relevância social e econômica da pesquisa; isto porque ela tem foco na alfabetização em investimentos, ou seja, atitude, comportamento e conhecimento associados à propensão e perspectivas de investimentos de jovens. Isso é socialmente relevante, pois aborda questões que impactam diretamente a estabilidade econômica e o bem-estar social desses indivíduos.

Além disso, entender e abordar lacunas (fragilidades de nichos específicos) da alfabetização em investimentos pode ajudar a capacitar indivíduos e famílias a tomar decisões financeiras mais eficazes, ampliando a capacidade de investimento e reduzindo o endividamento excessivo e a inadimplência, além de outros problemas de ordem econômico-financeira. Ademais, agrega-se a promoção de uma sociedade financeiramente mais estável e resiliente, o que corrobora potencialmente para um empreendedorismo e a gestão eficientes, e para o desenvolvimento econômico e social sustentável.

Ao identificar lacunas conceituais e promover uma compreensão mais clara do tema, acadêmicos e pesquisadores podem debater e avançar no conhecimento existente e desenvolver novas abordagens e discussões no âmbito da pesquisa e prática em educação financeira. Além disso, a pesquisa pode inspirar colaborações interdisciplinares entre diferentes agentes públicos, privados e do terceiro setor, enriquecendo o debate e promovendo uma abordagem mais holística para o estudo das finanças pessoais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Lidar com o desafio de ganhar e gastar de maneira equilibrada é o elemento central das finanças pessoais. Em uma sociedade em que as trocas e o dinheiro são fundamentais, cada indivíduo enfrenta constantemente a necessidade de comprar o que precisa para viver e equilibrar essa relação com suas fontes de renda, seja por meio de vendas ou da própria capacidade de trabalho (Pires, 2007). Ao abordar os desafios das finanças pessoais, vale destacar a importância da educação financeira, que para Potrich et al. (2015), compreende o entendimento de conceitos econômico-financeiros utilizados no mercado, tais como juros, retorno e risco de investimentos, entre outros. Numa abordagem mais ampla, a alfabetização financeira contempla além da educação financeira, o comportamento financeiro, que envolve as ações que influenciam direta ou indiretamente a saúde financeira do indivíduo, e a atitude

financeira, a qual se refere às escolhas tomadas de decisões financeiras em resposta a determinados comportamentos (Potrich et al., 2015).

Os desafios enfrentados devido as deficiências no âmbito da de educação financeira e ao desequilíbrio financeiro contribuem para a instabilidade social. Segundo Jesus (2019, p. 76), o descuido com as finanças pessoais “podem ocasionar problemas de saúde, conflitos familiares, perda de produtividade profissional e comprometimento da qualidade de vida”. Neste campo, Wisniewski (2011) destaca que a inadimplência e o endividamento são consequências da falta de educação financeira e geram ou desencadeiam nos consumidores, além dos problemas citados anteriormente, diversos tipos de problemas psicológicos como falta de sono, estresse e depressão. Esses problemas impactam negativamente o âmbito familiar, social e o ambiente laboral.

No Brasil, a educação financeira encontra-se em um estágio de desenvolvimento inferior se comparada a países como o Reino Unido. Lá, embora seja opcional, há um envolvimento significativo dos participantes no processo, inclusive com a criação de um fundo para estimular a cultura de poupança. Nos EUA, entre 1957 e 1985, a educação financeira foi tornada obrigatória em escolas secundárias em mais da metade dos estados e um distrito, visando preparar os jovens para a vida adulta. A explicação para essas discrepâncias reside na compreensão de fatores históricos, culturais e na responsabilidade institucional no processo de educação financeira (Savoia et al., 2007).

O extenso período de inflação no Brasil comprometeu a capacidade de planejamento econômico-financeiro de longo prazo. Com a abertura econômica nos anos 1990 e a estabilização do Plano Real, o mercado financeiro nacional passou por transformações, como, por exemplo, a introdução de novos instrumentos financeiros e aumento da complexidade dos produtos oferecidos. Diante desse cenário, a demanda por conhecimento e informações atualizadas cresceu entre os indivíduos e as famílias, que buscavam embasar suas decisões financeiras de maneira fundamentada e segura. No entanto, a educação financeira não foi oficialmente integrada aos currículos escolares e, nas universidades, não se observa uma ação efetiva e contínua. Essa realidade reflete uma atuação ainda insuficiente do Ministério da Educação (MEC) no que diz respeito à inclusão do tema em todos os níveis de ensino (Savoia et al., 2007).

Diante da incapacidade de poupar e investir para estimular o crescimento do país, no Brasil, o governo por meio de políticas públicas tem buscado ampliar a oferta de crédito para promover o consumo de bens e serviços, visando impulsionar a produção. Como por exemplo, o crédito consignado, introduzido pela Lei nº 10.820/2003, permitiu que trabalhadores de certos sindicatos, servidores públicos e aposentados acessassem crédito bancário a taxas de juros mais baixas (ainda que elevadas em termos absolutos). O consumo das famílias não consegue, por si só, estimular os investimentos necessários para gerar empregos e elevar a renda. Além disso, a falta de preparo da população para avaliar o impacto em seu orçamento resulta em uma busca desenfreada por crédito fácil, levando ao endividamento. O crescimento desordenado do crédito culmina em inadimplência, interrompendo empréstimos e provocando uma redução na atividade econômica. Essas ações contribuem para a formação de um ciclo vicioso de expansão e retração do crescimento (Savoia et al., 2007).

Estudo de Campbell (2006) mostrou que apesar de muitas famílias encontrarem soluções apropriadas para os desafios complexos de investimento que enfrentam, algumas cometem sérios equívocos nessa área. Esses erros podem manifestar-se de diversas maneiras. Dentre elas, a não contratação de produtos financeiros que apresentam um maior risco, a subdiversificação inadequada de carteiras de risco e a omissão na busca de opções para refinanciamento de hipotecas, correspondendo ao contexto brasileiro dos financiamentos imobiliários. As famílias propensas a cometer erros de investimento frequentemente evitam a participação em mercados de ativos de risco. Essas famílias podem ter consciência de suas limitações financeiras e optam por se retirar completamente dos mercados arriscados. Outras famílias, que buscam delegar decisões financeiras a profissionais, correm o risco de pagar altas taxas a planejadores financeiros, fundos mútuos ou instituições bancárias.

Nesse sentido, Bernheim et al. (1997) destacam que quando um indivíduo deseja aumentar seus rendimentos utilizando o mercado financeiro, é necessário se alfabetizar financeiramente, processo que demanda tempo tanto para aprimorar essas habilidades quanto para acumular os recursos necessários para fazer escolhas financeiras mais rentáveis. Nesse cenário, conclui-se que a ausência de educação financeira acarreta prejuízos financeiros, pois muitos indivíduos alcançam a idade adulta sem uma formação formal em finanças. Como resultado, eles adquirem experiência de maneira empírica, o que, por sua vez, resulta em decisões que levam a situações financeiras desfavoráveis.

Desenvolver uma estratégia que inclui disciplinas e conteúdos relacionados à alfabetização financeira desde os estágios iniciais do ensino pode, a longo prazo, proporcionar às crianças uma melhor preparação para a gestão financeira, contribuindo para a redução das desigualdades antes de essas crianças atingirem a idade adulta e assumirem a responsabilidade pela administração de seus recursos. A pesquisa conduzida por Potrich et al. (2015) indica que o grupo com menor alfabetização financeira tende a incluir indivíduos do gênero feminino, com dependentes, além de níveis mais baixos de escolaridade e renda. A identificação desse perfil de baixa alfabetização financeira pode ser útil para os agentes financeiros na criação de produtos e serviços adequados a esse público específico.

No entanto, a nível global, o Brasil não se posiciona bem no quesito educação financeira. Na pesquisa global sobre educação financeira chamada “*Standard & Poors – S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey*” (Pesquisa Global de Educação Financeira da divisão de *ratings* e pesquisas da *Standard & Poor’s*), realizada em 2014 em 144 países e contando com a participação de mais de 150 mil adultos, o Brasil ocupou a 74º posição no ranking de educação financeira. Nações como Madagascar superaram o Brasil. A pesquisa ainda revela que, apenas 35% dos brasileiros podem ser considerados educados financeiramente (Klapper et al., 2015). Outra pesquisa elaborada pelo IBOPE (2020) com o apoio do C6 Bank, sobre a educação financeira na infância, demonstrou que apenas 21% das pessoas, pertencentes às classes A, B e C tiveram acesso à educação financeira durante a infância.

Radin et al. (2022) realizaram um estudo com o objetivo de verificar o nível de conhecimento sobre investimentos dos correntistas de instituições financeiras. Os resultados mostraram que a maioria das pessoas analisadas neste estudo escolhe não investir financeiramente e não possui uma cultura de controle ou administração adequada dos seus recursos. Muitas delas não sabem como investir devido à falta de experiência e conhecimento. O medo do cenário atual e a falta de hábito também contribuem para o desinteresse no mercado financeiro. Entre os poucos investidores, a caderneta de poupança é o investimento mais comum, por ser considerada segura e isenta de impostos e taxas. O perfil predominante é o conservador, que prioriza a segurança em vez da rentabilidade. Além disso, muitos correntistas não têm interesse ou conhecimento para investir no mercado.

As pesquisas sobre finanças pessoais ganharam destaque nas últimas décadas, tanto no Brasil quanto no Mundo. Enquanto algumas pesquisas tiveram como foco a análise do perfil dos investidores e o comportamento frente aos riscos, como as de Anbar e Eker (2010) e Dalazen et al. (2022), outras buscaram verificar o nível de alfabetização financeira dos indivíduos (Agarwal et al., 2009; Lusardi & Mitchell, 2011); Power et al., 2011; Atkinson & Messy, 2012; Nidar & Bestari, 2012,; Potrich et al, 2013; Potrich et al., 2015; Santos et al., 2023; Souza et al., 2024). No entanto, na literatura financeira, há uma evidente carência de estudos que focam especificamente na alfabetização em investimentos. Posto isso, as principais pesquisas apresentadas nessa revisão de literatura tiveram como temática principal a alfabetização financeira.

Especificamente sobre a alfabetização em investimentos foram encontrados na literatura duas pesquisas recentes, Cardoso et al. (2024) e Silva et al. (2024). O estudo de Cardoso, et al. (2024), ao analisar uma amostra de adultos ituiutabanos, revelou que a maioria dos participantes apresenta um grau significativo de alfabetização em investimentos e que o principal índice responsável por isso é o conhecimento em investimentos que os indivíduos possuem. Com base nisso, concluíram que os respondentes possuem níveis adequados de atitude, ou seja, são conscientes de como precisam lidar com o dinheiro no sentido de poupar para investir. Os respondentes também apresentaram bons níveis de comportamento, ou seja, na prática, buscam poupar e realizar investimentos. Além disso, os indivíduos possuem bons níveis de conhecimento, elemento que abrange taxas de juros, retorno, risco, inflação, entre outros, permitindo que eles tomem decisões de investimento apropriadas.

A pesquisa realizada por Silva et al. (2024) com foco em estudantes do ensino superior revela que a maioria deles apresentam um grau satisfatório de alfabetização em investimentos, sendo que o principal índice responsável por isso é o de atitude em investimentos, seguido pelo índice de conhecimento em investimentos. Isso significa que os indivíduos possuem bons níveis de atitude, ou seja, são conscientes de como precisam lidar com o dinheiro no sentido de poupar para investir, e possuem conhecimento sobre questões financeiras, como taxas de juros, retorno, risco, inflação, entre outros, o que lhes permite tomar boas decisões de investimento. No entanto, no âmbito comportamental, na prática, os estudantes de ensino superior pesquisados não costumam lidar muito bem com as decisões de investimentos, ou seja, não buscam poupar para investir.

Em pesquisa realizada com estudantes do ensino médio, Souza et al. (2023) identificaram que a maioria dos estudantes tem bom comportamento e atitude financeira; porém, não são suficientemente alfabetizados financeiramente. Isso significa que a carência principal para esse grupo de indivíduos se refere a falta de conhecimento financeiro, ou seja, eles possuem consciência de como lidar com o dinheiro, na prática buscam fazer uma gestão eficiente, realizando planejamento e controle dos gastos; no entanto, falta-lhes conhecimento para aplicar. Resumindo, não possuem conhecimento suficiente sobre questões financeiras como taxas de juros, inflação, retorno e risco.

Guimarães e Iglesias (2020) realizam um estudo com o objetivo de mensurar o nível do conhecimento financeiro dos estudantes dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Observou-se que os homens geralmente têm um maior conhecimento em finanças, assim como os estudantes de séries mais avançadas e aqueles matriculados em cursos voltados para gestão, como o de administração. Em relação à renda familiar, os estudantes provenientes de famílias com uma renda superior a quatro salários mínimos mostraram um desempenho melhor em comparação com aqueles de famílias com renda de até quatro salários-mínimos. No que diz respeito à idade e à escolaridade dos pais, as diferenças não foram estatisticamente significativas.

Outros importantes estudos verificaram a associação de variáveis demográficas e socioeconômicas com a alfabetização financeira das pessoas, conforme exposto no Tabela 1 a seguir.

Tabela 1

Associação entre variáveis socioeconômicas e demográficas com a alfabetização financeira

Variáveis	Relação com a alfabetização financeira	Autores
Gênero	<ul style="list-style-type: none"> - Mulheres geralmente apresentam menores índices de alfabetização financeira do que os homens; - Mulheres são menos propensas a responder corretamente às perguntas e mais propensas a dizer que não sabem a resposta; - A alfabetização financeira dos homens está aumentando mais rapidamente do que a das mulheres; - Mulheres casadas e com renda mais alta têm maiores níveis de alfabetização financeira. 	Chen e Volpe (1998), Agarwal et al. (2009), Lusardi e Mitchell (2011), Atkinson e Messy (2012), OECD (2013), Potrich, et al. (2013) e Potrich, et al. (2015)
Idade	<ul style="list-style-type: none"> - A idade média de 30 a 40 anos associa-se positivamente a maiores índices de alfabetização financeira; - A alfabetização financeira é baixa entre adultos jovens e pessoas com maior idade; - Adultos mais jovens têm utilizado empréstimos com custos mais elevados. 	Agarwal et al. (2009), Lusardi e Michel (2011), Atkinson e Messy (2012) e OECD (2013).

Ocupação	- Pessoas com mais tempo de serviço são financeiramente mais alfabetizadas devido à maior experiência com a realidade econômico-financeira cotidiana; - Trabalhadores com baixa qualificação ou desempregados apresentam atitudes e comportamentos menos desejáveis.	Chen e Volpe (1998), Research (2003), Kim e Garmen (2004) e Calamato (2010).
Renda	- Baixos níveis de renda estão associados a baixos níveis de alfabetização financeira.	Monticone (2010), Hastings e Michel (2011) e Atkison e Messy (2012).

Fonte: Adaptado de Souza, Barbosa e Oliveira Neto (2024).

As pesquisas sobre alfabetização financeira têm demonstrado que diferentes grupos sociais podem apresentar discrepâncias nos níveis de alfabetização financeira, sendo que variáveis socioeconômicas e demográficas específicas podem se associar ao nível de alfabetização financeira desses indivíduos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando o objetivo proposto no presente estudo, o qual consiste em investigar a atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização em investimentos dos estudantes do ensino médio a presente pesquisa caracteriza-se como descritiva por propor estudar e descrever características de determinada população. A pesquisa também se caracteriza como quantitativa por mensurar um índice de alfabetização financeira em investimentos e analisar sua associação com variáveis sociais e econômicas.

A população a ser investigada corresponde aos estudantes de Escolas Públicas de Ensino Médio localizadas no município Ituiutaba, do estado de Minas Gerais. Inicialmente, junto à Secretaria Regional de Educação da Prefeitura do referido município, levantou-se que havia três mil, novecentos e quatorze (3.914) estudantes matriculados no Ensino Médio em escolas públicas. Esses dados têm como referência a segunda semana de maio de 2024 e foram obtidos via *e-mail* após solicitação realizada junto à Prefeitura Municipal. A partir desse número, que corresponde à população finita investigada, a amostra foi probabilisticamente estimada em 94 estudantes, considerando o nível de confiança de 95% e nível de significância estatística de 0,05. Tais estudantes fazem parte de duas escolas públicas estaduais de Ensino Médio localizadas no município de Ituiutaba-MG.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários diretamente aos estudantes em sala de aula. Dado o uso de informações privadas, e considerando a lei de proteção de dados, destaca-se que, nos referidos questionários, não houve identificação formal dos respondentes. Após a realização da coleta de dados via questionário, os dados foram selecionados, organizados, tabulados e analisados por meio da abordagem quantitativa

com o auxílio do *software* estatístico *Statistical Package for Social Science for Windows* (SPSS).

O questionário utilizado na presente pesquisa foi adaptado do instrumento validado e aplicado por Souza et al. (2024). Salienta-se que o instrumento de Souza, Barbosa e Oliveira Neto (2024) baseou-se em Potrich et al. (2015) com o objetivo de medir a alfabetização financeira dos indivíduos. As adaptações realizadas no instrumento de pesquisa foram direcionadas a avaliar especificamente a alfabetização em investimentos. O questionário foi organizado em 4 blocos, sendo o primeiro bloco composto por 19 (dezenove) perguntas sobre aspectos socioeconômicos dos respondentes com o intuito de identificar o perfil e características gerais dos respondentes, bem como verificar a influência de fatores como renda e escolaridade no grau de alfabetização em investimentos.

O segundo e o terceiro blocos constituíram-se de perguntas em escala *Likert* de cinco pontos, variando a resposta em escala de 1 a 5, em que 5 se refere a “concordo totalmente” e 1 corresponde a “discordo totalmente”. O segundo bloco, que trata da atitude dos indivíduos a respeito de decisões de investimentos, contém dez perguntas e buscou identificar o modo como os indivíduos avaliam a própria atitude em decisões de investimentos, sendo o ideal que todas as respostas sejam “discordo totalmente”. Assim, as notas para as respostas se apresentaram da seguinte forma: 5 pontos para “discordo totalmente”, 4 pontos para “discordo parcialmente”, 3 pontos para “nem concordo nem discordo”, 2 pontos para “concordo parcialmente” e 1 ponto para “concordo totalmente”. Portanto, nesse bloco, o entrevistado recebeu a nota máxima de 50,00 e a nota mínima de 10,00. Esse resultado foi transformado em uma escala de 0 a 100, ou seja, o índice de atitude em investimentos foi medido em uma escala de 0 a 100, em que 100 corresponde ao maior nível de atitude em investimentos. A transformação para a escala de 0 a 100 foi calculada por meio da regra de três simples.

O terceiro bloco do questionário constituiu-se de dez perguntas e buscou verificar o modo como os indivíduos gerenciam suas finanças pessoais no âmbito dos investimentos. A resposta ideal para todas as perguntas desse bloco é “concordo totalmente”. Assim, as notas para as respostas seguiram da seguinte forma: 5 pontos para “concordo totalmente”, 4 pontos para “concordo parcialmente”, 3 pontos para “nem concordo nem discordo”, 2 pontos para “discordo parcialmente” e 1 ponto para “discordo totalmente”. Nesse bloco, o entrevistado

recebeu a nota máxima de 50,00 e nota mínima de 10,00. Esse resultado foi transformado em uma escala de 0 a 100, ou seja, o índice de comportamento em investimentos, foi medido em uma escala de 0 a 100, em que 100 corresponde ao maior nível de comportamento em investimentos. A transformação para a escala de 0 a 100 foi calculada por meio de regra de três simples.

O quarto e último bloco do questionário constituiu-se de dez questões objetivas de múltipla escolha e buscou medir o nível de conhecimento financeiro sobre investimentos. Para cada uma das questões de conhecimento em investimentos foi atribuído valor igual a 1 para as respostas corretas e valor igual a 0 para as incorretas. O índice de conhecimento em investimentos variou de 0 (caso em que o indivíduo errou todas as questões) a 10 (caso em que o indivíduo acertou todas as questões). Nesse bloco, o entrevistado recebeu a nota máxima de 10,00 e nota mínima de 0,00. Porém, semelhantemente aos blocos 3 e 4, esse resultado foi transformado em uma escala de 0 a 100, ou seja, o índice de conhecimento em investimentos foi medido em uma escala de 0 a 100, em que 100 corresponde ao maior nível de conhecimento em investimentos. A transformação para a escala de 0 a 100 foi realizada, como nos casos anteriores, por meio da regra de três simples.

Após estimar as notas finais dos índices de atitude em investimentos, de comportamento em investimentos e de conhecimento em investimentos, a metodologia do cálculo de apuração da métrica de alfabetização em investimentos contempla os resultados desses três índices. Dessa forma, a métrica de alfabetização em investimentos varia em uma escala de 0 a 110, que foi transformado em uma escala de 0 a 100, em que 100 corresponde ao maior nível desse indicador. Essa transformação de escala foi feita mediante regra de três simples.

Após a aplicação dos questionários, as respostas foram tabuladas e organizadas em planilhas do *Excel*. Em seguida, foram realizados os seguintes testes estatísticos para a análise dos resultados: 1) Estatística descritiva, com o objetivo de demonstrar a quantidade absoluta e relativa para cada resposta das perguntas do questionário; 2) Estatística descritiva para estimar os valores mínimo e máximo, quartil, média e desvio padrão das variáveis atitude dos indivíduos a respeito das próprias decisões de investimentos, comportamento dos indivíduos em decisões de investimentos e conhecimento sobre investimentos; 3) Teste de correlação para verificar a associação entre as variáveis dispostas na segunda coluna do Tabela 1; 4) Teste de normalidade dos dados das variáveis dispostas na segunda coluna do Tabela 1; 5) Teste de comparação entre grupos caracterizados conforme características

socioeconômicas e demográficas. Para a realização do teste de comparação, foi preciso estabelecer as hipóteses a serem testadas. Posto isso, as hipóteses da presente pesquisa foram elaboradas em busca de responder aos objetivos do presente estudo e encontram-se apresentadas no Tabela 2.

Tabela 2

Hipóteses de associação entre a alfabetização em investimentos e as variáveis socioeconômicas e demográficas

Hipótese	Associação	(H ₀) Hipótese Nula x (H ₁) Hipótese Alternativa
Primeira	Alfabetização em Investimentos X Gênero	H ₀ = não existe associação entre o gênero e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio. H ₁ = existe associação entre o gênero e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio.
Segunda	Alfabetização em Investimentos X Ocupação	H ₀ = não existe associação entre a ocupação e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio. H ₁ = existe associação entre a ocupação e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio.
Terceira	Alfabetização em Investimentos X Idade	H ₀ = não existe associação entre a idade e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio. H ₁ = existe associação entre a idade e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio.
Quarta	Alfabetização em Investimentos X Renda Média Mensal Individual	H ₀ = não existe associação entre a renda média mensal individual e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio. H ₁ = existe associação entre a renda média mensal individual e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino médio.
Quinta	Alfabetização em Investimentos X Renda Média Mensal Familiar	H ₀ = não existe associação entre a renda média Mensal familiar e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio. H ₁ = existe associação entre a renda média mensal familiar e o nível de Alfabetização em Investimentos dos estudantes do Ensino Médio.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Uma vez apresentadas as hipóteses de associação entre a alfabetização em investimentos e as variáveis socioeconômicas e demográficas, o estudo segue com a apresentação dos dados e análises dos resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são apresentados os resultados e as análises estatísticas, juntamente com as discussões pertinentes aos dados coletados na pesquisa. A Tabela 3 expõe as características demográficas e socioeconômicas dos participantes.

Tabela 3

Características demográficas e socioeconômicas dos respondentes

Descrição	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Gênero		
Masculino	45	47,9%
Feminino	49	52,1%
Faixa Etária		
Menos de 18 anos	86	91,5%

Entre 18 e 24 anos	8	8,5%
Estado Civil	Absoluta	Relativa
Solteiro(a)	93	98,9%
Casado(a)	1	1,1%
Ocupação	Absoluta	Relativa
Não Trabalho	75	79,8%
Trabalho (sem carteira assinada, emprego informal ou autônomo não contribuinte)	14	14,9%
Trabalho (com carteira assinada – ou emprego formal)	2	2,1%
Trabalho (como empresário-empregador ou microempreendedor individual – MEI)	2	2,1%
Estágio não remunerado	1	1,1%
Não Trabalho	75	79,8%
Trabalho (sem carteira assinada, emprego informal ou autônomo não contribuinte)	14	14,9%
Renda Familiar Mensal	Absoluta	Relativa
Até R\$ 1.412,00	15	16,0%
De R\$ 1.412,01 a R\$ 2.824,00	23	24,5%
De R\$ 2.824,01 a R\$ 4.236,00	23	24,5%
De R\$ 4.236,01 a R\$ 5.648,00	9	9,6%
De R\$ 5.648,01 a R\$ 7.060,00	12	12,8%
Renda Média Mensal Própria	Absoluta	Relativa
Não possuo renda	58	61,7%
Até R\$ 1.412,00	25	26,6%
De R\$ 1.412,01 a R\$ 2.824,00	8	8,5%
De R\$ 2.824,01 a R\$ 4.236,00	2	2,1%
De R\$ 4.236,01 a R\$ 5.648,00	1	1,1%
Não possuo renda	58	61,7%
Quantas pessoas da sua família moram com você?	Absoluta	Relativa
Uma	6	6,4%
Duas	11	11,7%
Três	27	28,7%
Quatro	34	36,2%
Cinco ou mais	16	17,0%
Uma	6	6,4%
Você depende financeiramente dos seus pais?	Absoluta	Relativa
Sim, totalmente	43	45,7%
Sim, parcialmente	43	45,7%
Não	8	8,5%

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A pesquisa indicou que a maioria dos participantes é composta por mulheres (52,1%) e que elas pertencem à faixa etária de até 18 anos (91,5%). A maior parte dos respondentes se declarou solteira (98,9%) e sem vínculo de emprego formal (78,9%). Quanto à renda familiar mensal, 22,4% dos entrevistados possuem rendimentos superiores a R\$ 5.648,00, enquanto 49% se encontram na faixa entre R\$ 1.412,01 e R\$ 4.236,00. Em relação à renda própria, 61,7% ainda não possuem renda individual, 26,6% ganham até R\$ 1.412,01. No que se refere à composição familiar, 53,2% convivem com quatro ou mais pessoas, e a maior parte (91,4%) depende financeiramente dos pais. De forma geral, os dados mostram um perfil jovem, majoritariamente feminino, com uma parcela significativa ainda não inserida no mercado de trabalho e com uma renda familiar relativamente baixa (Tabela 3). Os participantes também foram questionados sobre como se sentem em relação ao preparo e às dificuldades para administrar suas finanças pessoais (Tabela 4).

Os resultados indicam que apenas 4,3% se consideram despreparados, enquanto 63,8% afirmam estar capacitados para gerenciar sua própria renda. No entanto, em relação às dificuldades de gestão financeira, 31,9% relatam não ter dificuldades, 63,8% apontam ter pouca dificuldade e 4,3% mencionam enfrentar grande dificuldade para gerir seus recursos. Esses dados revelam que a maior parte dos participantes enfrenta algum nível de dificuldade ao administrar seu dinheiro (Tabela 4).

Tabela 4

Dificuldade e preparo para gerenciar o próprio dinheiro

Descrição	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Como você se considera em relação a seu preparo para gerenciar o próprio dinheiro?		
Muito preparado	13	13,8%
Preparado	47	50%
Pouco preparado	30	31,9%
Não estou preparado para administrar meu dinheiro	4	4,3%
Você sente alguma dificuldade em gerenciar seu próprio dinheiro?	Absoluta	Relativa
Não tenho nenhuma dificuldade	30	31,9%
Tenho pouca dificuldade	60	63,8%
Tenho muita dificuldade	4	4,3%

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A Tabela 5 apresenta informações sobre os hábitos e intenções de investimento dos respondentes e de suas famílias. Dos participantes, 18,1% realizam investimentos de forma regular, enquanto 16% investem de maneira ocasional. Além disso, 63,8% não investem atualmente, mas têm a intenção de fazê-lo no futuro. Em relação aos objetivos futuros de investimento, 71,3% pretendem começar a investir quando iniciarem suas carreiras e 13,8% quando tiverem um aumento salarial. Atualmente, 12,8% investem em renda fixa, 6,4% em renda variável e 80,9% ainda não possuem nenhum tipo de investimento. No que diz respeito às famílias, 29,8% investem regularmente, 27,7% de forma esporádica, e 23,4% têm a intenção de investir no futuro. No presente, 23,4% das famílias aplicam em renda fixa, 7,4% em renda variável e 13,8% em imóveis. Por outro lado, 55,3% das famílias não realizam investimentos. Em resumo, os resultados indicam que a maioria dos participantes não investe atualmente, mas pretende fazê-lo em algum momento no futuro.

Tabela 5

Os participantes realizam ou possuem a pretensão de realizar investimentos?

Descrição	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Você possui o hábito em investir?		
Sim, regularmente	17	18,1%
Sim, ocasionalmente	15	16,0%
Não, mas pretendo investir no futuro	60	63,8%

Não, e não pretendo investir no futuro	2	2,1%
Você pretende realizar algum tipo de investimento no futuro?	Absoluta	Relativa
Sim, quando eu começar a trabalhar	67	71,3%
Sim, quando meu salário aumentar	13	13,8%
Talvez, ainda não tenho certeza	14	14,9%
No momento, você possui algum tipo de investimento?	Absoluta	Relativa
Investimentos financeiros de renda fixa (poupança, ações, títulos de renda fixa etc.)	12	12,8%
Investimentos financeiros de renda variável (ações, títulos de renda variável, cripto etc.)	6	6,4%
Não possuo nenhum investimento	76	80,9%
Sua família possui o hábito em investir?	Absoluta	Relativa
Sim, regularmente	28	29,8%
Sim, ocasionalmente	26	27,7%
Não, mas minha família pretende investir no futuro	22	23,4%
Não, e minha família não pretende investir no futuro	18	19,1%
No momento, sua família possui algum tipo de investimento?	Absoluta	Relativa
Investimentos financeiros de renda fixa (poupança, ações, títulos de renda fixa etc.)	22	23,4%
Investimentos financeiros de renda variável (ações, títulos de renda variável, cripto etc.)	7	7,4%
Investimentos imobiliários	13	13,8%
Não possuímos nenhum investimento	52	55,3%

Nota: (cripto) criptomoedas.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Após analisar o perfil dos participantes, o próximo passo foi avaliar o nível de atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização em investimentos. Os resultados dessa análise estão apresentados na Tabela 6. Em relação à atitude em investimentos, o indicador obteve uma média de 66,79, com valores que variam de 20 a 100. O desvio padrão foi de 12,32, indicando uma variação considerável nas atitudes dos participantes. Os quartis revelam que 25% dos respondentes apresentaram uma atitude em investimentos inferior a 60, enquanto 25% tiveram índices superiores a 74. Isso sugere que 75% dos participantes possuem uma atitude favorável em relação às decisões de investimento (Tabela 6).

No que diz respeito ao comportamento financeiro em investimentos, a média foi de 54,96, com um índice mínimo de 20 e um máximo de 100. O desvio padrão de 20,87 aponta para uma diversidade significativa no comportamento dos respondentes. No primeiro quartil (P25), 25% apresentaram um comportamento financeiro abaixo de 39,5, e no terceiro quartil (P75), esse número subiu para 68, indicando que apenas 25% dos entrevistados possuem níveis elevados de comportamento em investimentos (Tabela 6).

Quanto ao conhecimento financeiro em investimentos, a média do índice foi de 34,26, com valores que variam de 0 (mínimo) a 70 (máximo). O desvio padrão foi de 16,29, evidenciando uma gama mediana de níveis de conhecimento entre os participantes. Ao analisar os quartis, observa-se que 25% dos respondentes apresentaram um índice de conhecimento em investimentos inferior a 20, enquanto um grupo de apenas 25% teve índices superiores a 50, demonstrando um baixo grau de conhecimento na área (Tabela 6).

Ao considerar a alfabetização em investimentos, a média foi de 58,45, com valores que variaram de 32 a 96. O desvio padrão foi de 11,91. Os quartis mostram que 25% dos respondentes apresentaram uma alfabetização em investimentos abaixo de 51,82, enquanto 25% tiveram índices superiores a 65,45, o que significa que metade dos entrevistados ficou em patamares intermediários entre esses dois extremos. Esse resultado sugere que o nível de conhecimento em investimentos é o principal indicador que influencia os baixos valores dos índices de alfabetização. Os dados também indicam diferenças significativas nas atitudes e comportamentos em investimentos dos respondentes, além da variação nos níveis de conhecimento e alfabetização em investimentos.

Tabela 6

Níveis de atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização em investimentos

Estatísticas	Indicadores			
	Atitude em investimentos	Comportamento em investimentos	Conhecimento em investimentos	Alfabetização em investimentos
Mínimo	20	20	0	32
Máximo	100	100	70	96
Média	66,79	54,96	34,26	58,45
Desvio Padrão	12,326	20,873	16,296	11,917
P25 (Q1)	60,00	39,50	20,00	51,82
P50 (Q2)	68,00	56,00	30,00	56,82
P75 (Q3)	74,00	68,00	50,00	65,45
Nº de respondentes	94	94	94	94

Nota: P25 (Q1); Primeiro quartil; P50 (Q2); Segundo quartil; P75 (Q3); Terceiro quartil.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Os resultados encontrados para os níveis de atitude e comportamento são semelhantes aos encontrados por Silva et al. (2024), os quais tiveram como amostra estudantes do ensino superior. Os achados revelam que a maioria dos participantes apresenta para o índice de atitude em investimentos, e valores medianos para o comportamento em investimentos. Porém, a diferença é que os estudantes do ensino superior possuem valores elevados para o conhecimento em investimentos, enquanto os estudantes do ensino médio apresentam valores baixos. Isso pode ser explicado, pelo fato de que estudantes do ensino superior, especificamente da área de negócios, possuem em suas grades curriculares disciplinas e conteúdo da área de finanças. Destaca-se que os achados também diferem da pesquisa de Cardoso et al. (2024) que mostraram índices elevados para o conhecimento financeiro de adultos ituiutabanos.

Ao aplicar o teste de Kolmogorov-Smirnov, para amostras acima de 30 foi identificado que os dados da amostra analisada não seguem uma distribuição normal, pois

apresentaram valores de p abaixo de 0,05, sendo eles, menores que 0,01 para idade, renda média mensal e renda média familiar, com exceção apenas do nível de alfabetização em investimentos, que acusou p-valor de 0,20. A partir desse resultado, optou-se pelo teste não paramétrico de correlação de Spearman, com a finalidade de verificar o grau de associação entre as variáveis (Tabela 7).

A Tabela 7 exibe os coeficientes da correlação de Spearman, que avaliam as relações lineares entre as variáveis quantitativas testadas nas hipóteses da pesquisa, como idade, renda mensal individual, renda mensal familiar, atitude em investimentos, comportamento em investimentos, conhecimento em investimentos e alfabetização em investimentos. Os resultados revelaram uma correlação positiva e significativa entre a renda mensal individual e as variáveis de atitude e alfabetização. Isso sugere que, à medida que a renda do indivíduo aumenta, também tendem a aumentar os índices de atitude e alfabetização em investimentos.

Por outro lado, a renda mensal familiar não apresentou correlações significativas com as demais variáveis, o que indica que a renda familiar não se associa com o nível de conhecimento dos indivíduos. Neste ponto, vale ressaltar novamente a informação da Tabela 6, que mostra que 65% dos indivíduos têm renda familiar máxima de R\$ 4.236,00 e 81,9% convivem com mais de 3 pessoas, revelando que a ampla maioria possui uma renda familiar relativamente baixa. Em relação à idade, essa variável não demonstrou associação com o índice de alfabetização em investimentos.

Tabela 7

Coefficiente de correlação de Spearman entre indicadores de atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização em investimentos e variáveis socioeconômicas e demográficas

	Idade	RMI	RMF	Atitude	Comportamento	Conhecimento	Alfabetização
Idade	-						
RMI	-0,099	-					
RMF	-0,213*	0,326**	-				
Atitude	-0,079	0,269**	-0,026	-			
Comportamento	0,108	0,151	0,053	0,142	-		
Conhecimento	0,015	0,009	-0,125	0,084	0,259*	-	
Alfabetização	0,065	0,220*	-0,009	0,530**	0,883**	0,380**	-

Nota: (***, **, *) denotam significância estatística a 1%, 5% e 10%, respectivamente. (RMI) renda média individual e (RMF) renda média familiar.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Em seguida, a Tabela 8 apresenta os testes de comparação entre grupos. Considerando que os dados não seguiram uma distribuição normal, foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis, pois as hipóteses envolvem uma variável categórica (nominal ou ordinal), como gênero, idade, ocupação e renda, e uma variável intervalar (escalar) contínua, especificamente o nível de alfabetização em investimentos. Os resultados indicam a não

rejeição de todas as hipóteses testadas. Isso sugere que o gênero, ocupação, a idade e as rendas mensais individual e familiar não se associam ao nível de alfabetização em investimentos dos participantes da pesquisa.

Tais achados também se destoam da pesquisa de Silva et al. (2024), pois estes relataram que apenas a idade não está associada ao nível de alfabetização em investimentos dos estudantes pesquisados. Por outro lado, as variáveis gênero, ocupação e renda se associam ao nível de alfabetização em investimentos. Além disso, os resultados são semelhantes a pesquisa de Cardoso et al. (2024), que identificaram que a idade e as rendas mensais individual e familiar não se associam ao nível de alfabetização em investimentos. A única variável significativa e relacionada a alfabetização em investimentos foi o gênero.

Tabela 8
Resultados dos testes de comparação entre grupos

Hipótese	Estatística dos Testes	Resultado	Conclusão
Primeira	Kruskal Wallis = 1,543 p-valor = 0,214	Não Rejeita H ₀	Não existe associação entre gênero e nível de alfabetização em investimentos dos estudantes do ensino médio em Ituiutaba
Segunda	Kruskal Wallis = 5,472 p-valor = 0,242	Não rejeita H ₀	Não existe associação entre a ocupação e o nível de alfabetização em investimentos dos estudantes do ensino médio em Ituiutaba
Terceira	Kruskal Wallis = 0,397 p-valor = 0,528	Não rejeita H ₀	Não existe associação entre a idade e o nível de alfabetização em investimentos dos estudantes do ensino médio em Ituiutaba
Quarta	Kruskal Wallis = 6,206 p-valor = 0,184	Não rejeita H ₀	Não existe associação entre a renda média mensal e o nível de alfabetização em investimentos dos estudantes do ensino médio em Ituiutaba
Quinta	Kruskal Wallis = 1,066 p-valor = 0,983	Não rejeita H ₀	Não existe associação entre a renda familiar média mensal e o nível de alfabetização investimentos dos estudantes do ensino médio em Ituiutaba

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Em síntese, os resultados da pesquisa realizada com estudantes do ensino médio revelam que a maioria dos participantes apresenta um grau mediano de alfabetização em investimentos e que o principal índice responsável por isso é o de atitude em investimentos. Isso significa que, entre os três elementos que compõem o indicador de alfabetização em investimentos, especificamente, atitude, comportamento e conhecimento, a atitude é o principal responsável pelos maiores valores estimados para alfabetização em investimentos.

Com base no público investigado é possível dizer que os respondentes possuem bons níveis de atitude, ou seja, possuem consciência de como precisam lidar com o dinheiro no sentido de poupar para investir. Em geral, os respondentes também apresentaram níveis de comportamento adequados, ou seja, na prática buscam poupar e realizar investimentos. Contudo, os indivíduos possuem baixos níveis de conhecimento em investimento, elemento que abrange taxas de juros, retorno, risco, inflação entre outros; ou seja, verificou-se que o grupo investigado precisa ter acesso a conteúdo de finanças que permitam potencializar a tomada de decisões de investimentos, tornando-as mais apropriadas.

5 CONCLUSÕES

O principal objetivo da pesquisa foi investigar a atitude, comportamento, conhecimento e alfabetização em investimentos dos estudantes do ensino médio. Os resultados obtidos mostraram que, embora a maioria dos estudantes do ensino médio pesquisados tenha dificuldades para gerenciar seu próprio dinheiro, eles se consideram adequadamente preparados para tal, sendo que poucos investem regularmente. No geral, a maioria dos participantes ainda não possui nenhum tipo de investimento, mas demonstrou interesse em fazê-lo no futuro. Os resultados também revelaram que metade dos respondentes possui níveis baixos de alfabetização em investimentos.

Nesse contexto, a adoção de medidas educacionais voltadas para o ensino de finanças na grade curricular do ensino médio é crucial para elevar o nível de alfabetização em investimentos, principalmente dos jovens. Entre as ações sugeridas, destaca-se a necessidade de dar ênfase ao conteúdo relacionado a finanças, que deve ser abordado não apenas nas instituições de ensino, mas também no ambiente familiar, no trabalho e nas diversas organizações públicas, privadas e do terceiro setor em Ituiutaba-MG. Isso se justifica, pois pessoas financeiramente alfabetizadas tendem a compartilhar seu conhecimento, especialmente no contexto familiar e profissional. Essa transmissão de saberes, ao longo do tempo, contribui para a evolução socioeconômica da comunidade em que o indivíduo vive e/ou atua.

Quanto às limitações da pesquisa, destaca-se que os testes estatísticos empregados apresentam limitações próprias e não oferecem respostas totalmente conclusivas sobre a relação entre os grupos analisados e o nível de alfabetização em investimentos dos estudantes. Diante dessas considerações, recomenda-se que futuras pesquisas sejam conduzidas em outras redes e níveis de ensino, buscando resultados mais conclusivos.

REFERÊNCIAS

Agarwal S.; Gabaix, X.; Driscoll, J. C. & Laibson, D. (2009). The age of reason: financial decisions over the life cycle and implications for regulation. *Brooking Papers on Economic Activity*, Maryland, v. 2009, n. 2, p. 51-117. https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/2009b_bpea_agarwal.pdf

Agrela, L. & Gonsalves, W. (2023). Juro alto leva os jovens a 'abandonar' a Bolsa de Valores. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/economia/negocios/bolsa-de-valores-idade-media-investidor/>

Anbar, A. & Eker, M. (2010). An empirical investigation for determining of the relation between personal financial risk tolerance and demographic characteristic. *Ege Academic Review*, v. 10, n. 2, p. 503– 523. 10.21121/eab.2010219633

Atkinson, A. & Messy, F. (2012). *Measuring financial literacy: results of the oecd / international network on financial education (infe) pilot study*. OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, OECD Publishing, Paris, v. 15, p. 01-73. https://www.oecd-ilibrary.org/finance-and-investment/measuring-financial-literacy_5k9csfs90fr4-en

Bernheim, D.; Garrett, D. & Maki, D. (1997). Education and Saving: The Long Term Effects of High School Financial Curriculum Mandates. *National Bureau of Economic Research*, Cambridge, n. 6085, jul. https://www.nber.org/system/files/working_papers/w6085/w6085.pdf

Calamato, M. P. (2010). Learning financial literacy in the family. Unpublished master's thesis. The Faculty of the Department of Sociology, San José State University. https://scholarworks.sjsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=&httpsredir=1&article=4846&context=etd_theses

Cardoso, C. P.; Barbosa, J. S. & Oliveira Neto, O. J. (2024). Conheço, Logo, Invisto! um estudo sobre a alfabetização em investimentos de adultos. *In: 35º ENANGRAD*, Campinas São Paulo. <https://doity.com.br/35-enangrad>

Campbell, J. Y. (2006). Household finance. *Journal of Finance*, v. 61 n. 4, p. 1553-1604. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-6261.2006.00883.x>

Chen, H. & Volpe, R. P. (1998). AN analysis of personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, v. 7, n. 2, p. 107-128. [https://doi.org/10.1016/S1057-0810\(99\)80006-7](https://doi.org/10.1016/S1057-0810(99)80006-7)

Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). (2024). Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC). Edição Março de 2024. https://portalbucket.azureedge.net/wpcontent/2024/04/Analise_Peic_marco_2024.pdf

Dalazen, L. L.; Silva, L. S. C. V.; Lucena, W. G. L. & Nobre, F. C. Tolerância ao risco e características sociodemográficas na tomada de decisão em investimentos financeiros. *Revista de Ciências da Administração*, v. 24, n. 62, p. 122-139. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2022.e85721>

Guimarães, T. M. & Iglesias, T. M. G. (2020). Nível de educação financeira dos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio de um instituto federal de minas gerais. *In: XXIII SEMEAD*. <https://login.semead.com.br/23semead/anais/arquivos/20.pdf>

Hastings, J.; Mitchell, O. S. (2011). *Financial literacy: implications for retirement security and the financial marketplace*. Oxford, UK: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199696819.001.0001>

Holzmann, R. & Miralles, M. (2005). *The role, limits of, and alternatives to financial education in support of retirement saving in the OECD, Eastern Europe and beyond*. The World Bank, out. https://www.cerp.carloalberto.org/wp-content/uploads/2008/12/rhmp_on_financialedu_-_finaldraft_oct12_2005.pdf

IBOPE. (2020). Brasileiros não tiveram educação financeira na infância. *E-Investidor*. <https://investidor.estadao.com.br/educacao-financeira/brasileiros-nao-tiveram-educacao-financeira-na-infancia/>

Instituto Data Folha. (2023). Produtos financeiros poupança e aposentadoria. DataFolha. <https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2023/12/11/f3ud713.pdf>

Jesus, L. M. N. (2019). Finanças pessoais: um estudo sobre as contribuições da educação financeira para a qualidade de vida. *Textura*, v. 13, n. 21, p. 74 - 82, 20 ago. <https://textura.famam.com.br/textura/article/view/331>

Kim, J. & Garman, E. T. (2004). Financial stress, pay satisfaction and workplace performance. *Compensation Benefits Review*, v. 36, n. 1, p. 69-76. [10.1177/0886368703261215](https://doi.org/10.1177/0886368703261215)

Klapper, L.; Lusardi, A. & Oudheusden, P. V. (2015). Financial literacy around the world: insights from the standard & poor's ratings services global financial literacy survey. *Global Financial Literacy Excellence Center (GFLEC)*. https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/Finlit_paper_16_F2_singles.pdf

Lusardi, A. & Mitchell, O. S. (2011). Financial literacy and retirement planning in the United States. *Journal of Pension Economics and Finance*, Cambridge University Press, v. 10, n. 04, p. 509-525. <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-pension-economics-and-finance/article/abs/financial-literacy-and-retirement-planning-in-the-united-states/F381C893F96468A68CF4A4203A91DD08>

Monticone, C. (2010). How much does wealth matter in the acquisition of financial literacy? *The Journal of Consumer Affairs*, v. 44, n. 2, p. 403-422. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01175.x>

Moura, A. G. (2005). *Impactos dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para o financiamento do consumo nas famílias de baixa renda do município de São Paulo*. 2005. 174f. Dissertação (mestrado em Administração de Empresas). Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/f50a5a54-7089-4431-85d2-19485d690066/content>

Nidar, S. R. & Bestari, S. (2012). Personal Financial Literacy Among University Students (Case Study at Padjadjaran University Students, Bandung, Indonesia). *World Journal of Social Sciences*, v. 2., n. 4, p. 162 – 171, jul.

Pires, V. (2007). *Finanças pessoais: fundamentos e dicas*. São Paulo: Editora Equilíbrio.

- Potrich, A. C. G.; Vieira, K. M. & Ceretta, P. S. (2013). Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante?. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)*, Campo Largo, v. 12, n. 3, p. 314-333, set-dez.
<https://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/1656/738>
- Potrich, A.; Vieira, K. M. & Kirch, G. (2015). Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. *Revista Contabilidade & Finanças (Online)*, v. 26, n. 69, p. 362-377.
<https://www.scielo.br/j/rcf/a/wM9hSthWFCztM3t8bbbqPSG/abstract/?lang=pt>
- Power, M. L.; Hobbs, J. M. & Ober, A. (2011). An empirical analysis of the effect of financial education on graduating business students' perceptions of their retirement planning familiarity, motivation, and preparedness. *Risk Management and Insurance Review*, v. 14, n. 1, p. 89-105. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1540-6296.2011.01194.x>
- Radin, B. R.; Bissani, N.; Anschau, C. T. & Bianchet, T. D. S. A. (2022). Nível de conhecimento sobre investimento: uma análise da percepção dos correntistas de instituições financeiras. *Anais Centro de Ciências Sociais Aplicadas / ISSN 2526-8570*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 224 - 239, abr.
<https://uceff.edu.br/anais/index.php/ccsa/article/view/348/344>
- Savoia, J. R. F.; Saito, A. T. & Santana, F. de A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, v. 41, n. 6, p. 1121–1141.
<https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/?format=pdf&lang=pt>
- Silva, I. F. R. O.; Barbosa, J. S. & Oliveira Neto, O. J. (2024). Alfabetização em investimentos de estudantes universitários e sua associação com variáveis socioeconômicas e demográficas. In: 35º ENANGRAD, Campinas São Paulo. <https://doity.com.br/35-enangrad>
- Souza, G. C. De; Barbosa, J. Da S. & Oliveira Neto, O. J. de. (2024). Alfabetização financeira dos estudantes do ensino médio de instituições públicas. *Revista Ambiente Contábil*, ISSN 2176-9036, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 474–495.
<https://periodicos.ufrn.br/ambiente/article/view/34229>
- Wisniewski, M. L. A. G. (2011). Importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. *Revista Intersaberes*, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 155–170.
<https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/32>